

## À Primeira Vista entre afetos, corpo, imagem e memória

Rubiane Maia<sup>1</sup>

‘À Primeira Vista, entre afetos, corpo, imagem e memória’ foi um projeto realizado entre os anos de 2013/2014 com apoio da Secretaria Estadual de Cultura do Espírito Santo, via Edital Bolsa Ateliê em Artes Visuais, e que teve seu processo exibido na mostra coletiva “Modos de Usar”, no Museu de Arte do Espírito Santo – MAES, com curadoria de Júlio Martins. A pesquisa perpassa algumas relações entre a performance, a literatura, e o audiovisual, e foi inspirado pelo livro mexicano ‘*Como água para Chocolate*’, de Laura Esquivel. O mesmo trata da vida cotidiana e ordinária passada no interior de um rancho. No entanto sua singularidade aparece ao usar como pano de fundo a cozinha, mais especificamente a relação que os personagens estabelecem entre suas emoções e a comida: seja ela no ato de comer, ou de preparar os alimentos. Fato que inaugura na literatura mexicana um termo denominado *cozinha-ficção*. Um segundo intercessor também foi encontrado em Marcel Proust, em seu livro – ‘Em busca do tempo perdido’, no trecho que narra a sua busca pelo real sentido da experiência da alegria. Afeto que surge evocado pela degustação de uma xícara de chá e um bolo de ‘madeleine’, um gesto espontâneo que instala o personagem num tipo de epifania estendida para além do tempo presente.

<sup>1</sup> Rubiane Maia é artista, licenciada em Artes Visuais e mestre em Psicologia Institucional pela Universidade Federal do Espírito Santo. Em 2012/2013 participou de diversos encontros, festivais e residências no Brasil, Argentina, França, Reino Unido, Espanha, Itália, Portugal e Irlanda. E da 9th Kaunas Biennial UNITEXT na Lituânia. Recentemente produziu o curta-metragem de ficção, *EVO*, com roteiro inspirado em suas pesquisas sobre a memória. E da Exposição Terra Comunal – Marina Abramovic + MAI, no SESC Pompéia, São Paulo.

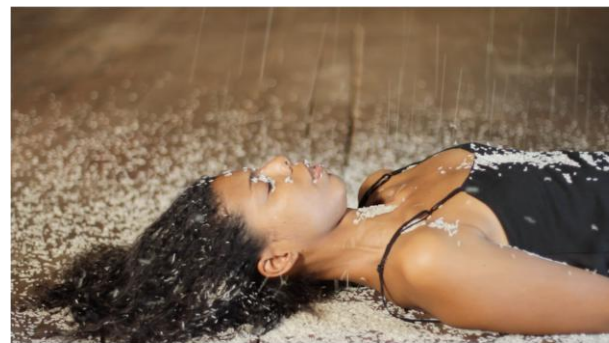
Mas no mesmo instante em que aquele gole, de envolta com as migalhas do bolo, tocou o meu paladar, estremeci atento ao que se passava de extraordinário em mim. Invadira-me um prazer delicioso, isolado, sem noção da sua causa. Esse prazer logo me tornara indiferentes as vicissitudes da vida, inofensivos os seus desastres, ilusória a sua brevidade, tal como o faz o amor, enchendo-me de uma preciosa essência: ou antes, essa essência não estava em mim; era eu mesmo. Cessava de me sentir medíocre, contingente, mortal.

De onde me teria vindo àquela poderosa alegria? Senti que estava ligado ao gosto do chá e do bolo, mas que o ultrapassava infinitamente e não devia ser da mesma natureza. De onde vinha? Que significava? Onde aprendê-la? Bebo um segundo gole em que não encontro nada demais que no primeiro, um terceiro que me traz um pouco menos que o segundo. É tempo de parar, parece que está diminuindo a virtude da bebida. É claro que a verdade que procuro não está nela, mas em mim.

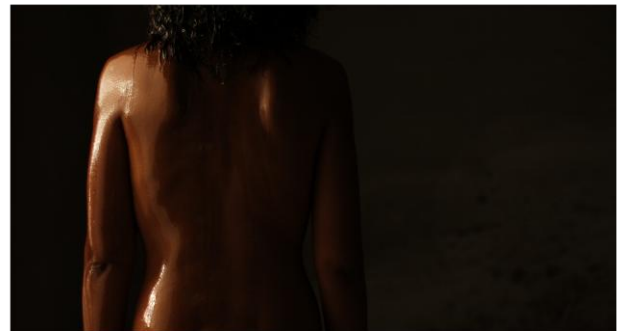
:em ato comer pode sugerir muitas questões: engolimos a saudade, o vazio, os medos; preparamos pratos de comidas que aquecem e confortam; abusamos de doces para sentir mais prazer, alegria; compartilhamos comidas afrodisíacas e sexuais; usamos ervas e condimentos variados de acordo com a nossa cultura; alimentamo-nos de animais ao mesmo tempo abnegamos brutalmente o canibalismo. sim, comer é um verbo, uma ação pela qual muitas forças estão implicadas. por isso é um grande engano pensar que nós só no alimentamos com a boca - nós comemos com o corpo inteiro, com a pele, e até mesmo com os pensamentos. isso sem citar as inúmeras possibilidades despertadas pelos sentidos, o paladar, o olfato, o tato, a audição e a visão:



Imagens de Processo: **Residência Galeria Casarão** – Viana . Jan 2014;  
Assistente de Produção: Tete Rocha . Fotografia: Joana Quiroga







Frames de vídeo: *'Esboços de um corpo desconhecido'*, vídeo – 27' 41" (díptico)



*'À primeira vista: uma maçã e duas cadeiras',  
performance. Imagem: Aline Alves*







'Sim', instalação (+ fotografia detalhe), dimensão  
1.10 x 2.90 m